Miriane de Amorim Araújo
Marta Regina Paulo da Silva

CADERNO DE NARRATIVAS:

Repensando Práticas que levem em consideração vivências na e com a natureza

CADERNO DE NARRATIVAS:

Repensando Práticas que levem em consideração vivências na e com a natureza

FICHA CATALOGRÁFICA

Araújo, Miriane de Amorim
Caderno de narrativas: repensando práticas que levem em consideração vivências na e com a natureza / Miriane de Amorim Araújo e Marta Regina da Silva. – São Caetano do Sul, 2024.
50 p.: il.

Produto final, parte integrante do Trabalho Final de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2024.

ISBN 978-65-01-33409-7

1.Creches. 2. Docentes (formação). 3. Método autobiográfico. 4.Brincar. 5. Natureza. I. Silva, Marta Regina Paulo da. II. Título.

Agradecimentos

À Deus, que com sua pedagogia nos transforma para o bem e dá-nos forças nos momentos difíceis. Com Ele tudo é possível.

À querida Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva, pelas orientações, dedicação e paciência. Sua sabedoria e experiência foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Às professoras da creche conveniada com a Prefeitura de Santo André, participantes desta pesquisa, pelas narrativas que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Aparecida e Miro, que sempre foram exemplo de honestidade, ensinaram-me a lutar pelos meus sonhos, ajudaram-me em tudo que estava ao seu alcance.

À minha querida filha, Maria Teresa, que transformou minha existência, eterna companheira, meu apoio, ensinou-me a lutar por um mundo melhor, a fim de deixar uma humanidade melhor para as futuras gerações.

Ao meu esposo Deusdete, amigo e companheiro, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, cuidando da nossa casa e da nossa filha para eu estudar.

Às crianças que são nossa motivação para estudar e lutar por uma humanidade melhor.

Sumário

1 Apresentação 7

2 Narrativas autobiográficas: tessituras de si mesmo 10

3 Desemparedamento da Infância: onde você brincava em sua infância? 18

4 Formação continuada e história de vida: repensando práticas *na* e *com* a natureza 27

5 Considerações Finais 38

6 Referências 43

7 Sobre as autoras 47

1

Apresentação

O Caderno de Narrativas é resultado da pesquisa de Mestrado intitulada *"História de vida e formação docente: vivências na e com a natureza"*, de Miriane de Amorim Araújo, defendida em dezembro de 2024, sob orientação da Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Este *e-book* possibilita que a pesquisa realizada cumpra o seu papel de disseminação de práticas formativas que favoreçam a escuta dos(as) professores(as), conferindo visibilidade às suas vozes e proporcionando que se tornem autores(as) de sua própria formação.

A abordagem adotada alinha-se à concepção defendida por Antônio Nóvoa (2004), segundo a qual "ninguém forma ninguém", pois a formação ocorre ao longo das diversas experiências de vida. No entanto, apesar das transformações que marcam a realidade social contemporânea, a formação docente ainda se mantém, em muitos contextos, centrada na reprodução de modelos de prática, nos quais cabe ao(à) professor(a) apenas reproduzir ou adaptar à sua turma. Além disso, muitas dessas formações são excessivamente conteudistas, o que frequentemente resulta em desmotivação dos(as) professores(as) em relação às propostas formativas apresentadas.

Este Caderno de Narrativas assume, portanto, um caráter formativo e reflexivo, destinado aos(às) profissionais da educação, em especial àqueles(as) responsáveis pela formação docente. Seus principais objetivos são: valorizar as histórias de vida no processo de desenvolvimento profissional dos(as) educadores(as) e sensibilizá-los(as) para a importância do desemparedamento da infância.

Em sua estrutura, o Caderno de Narrativas apresenta a contextualização dos sujeitos da pesquisa, abordando sua realidade e os desafios enfrentados, demostra as contribuições do processo de rememoração para a ressignificação

de sua prática pedagógica e de sua inserção social. A expectativa é que os(as) leitores(as) deste material compreendam a relevância da formação baseada nas histórias de vida na construção do conhecimento e do pertencimento à profissão docente.

A investigação centra-se nas histórias de vida em meio à natureza, com vistas à sensibilização sobre a importância da conexão das crianças com o ambiente natural. Em uma sociedade na qual a expectativa é de que as áreas urbanas cresçam e, consequentemente, as áreas verdes diminuam, esta pesquisa buscou resgatar e valorizar essas vivências, a fim de provocar reflexões sobre o impacto do contexto social atual na desconexão das novas gerações com a natureza.

O conceito de desemparedamento da infância, cunhado por Léa Tiriba (2005), ilustra a realidade de muitas instituições de educação infantil, nas quais as crianças passam longos períodos confinadas em espaços fechados, com janelas pequenas, fora de sua altura, sem áreas externas adequadas ou, quando existentes, limitadas a espaços pequenos e com chão cimentado. Para a autora, professores(as) que possuem vínculo com a natureza e compreendem a importância de todos os seres vivos, tornam-se agentes ativos(as) na luta por espaços que proporcionem o contato com a natureza. Sob essa perspectiva, este caderno propõe uma formação de professores(as) orientada para o desemparedamento da infância.

A pesquisa-formação abordada neste material tem o propósito de produzir um saber comprometido com a realidade vivida pelos(as) professores(as) no decorrer de sua trajetória profissional. A formação por meio das histórias de vida procura dar visibilidade às vozes dos(as) próprios(as) docentes, de modo a construir um saber sobre e para eles(as).

O Caderno está organizado em cinco seções. A primeira, de caráter introdutório, apresenta a contextualização e os objetivos do *e-book,* situando a pesquisa no campo da formação docente.

A segunda seção - *Narrativas autobiográficas: tessituras de si mesmo* – aborda as principais reflexões emergidas durante o processo de construção das narrativas autobiográficas, destacando sua contribuição para a teorização

da formação docente. Ao final, são apresentadas as contribuições desse processo para a construção da identidade docente, ressaltando o potencial das narrativas como instrumento de autoconhecimento e de compreensão crítica da realidade social.

A terceira seção - *Desemparedamento da Infância: onde você brincava em sua infância?* – discute as reflexões suscitadas pela construção das narrativas sobre as experiências lúdicas na natureza, apresentando relatos de brincadeiras em meio à terra, areia, flores, galhos e pedras, entre outros elementos. Essa seção enfatiza a importância do “quintal” e dos elementos naturais na constituição da nossa identidade.

A quarta seção - *Formação continuada e história de vida: repensando práticas na e com a natureza* –expõe as principais contribuições do método autobiográfico para a formação docente, abordando aspectos como escuta, reflexões, questionamento e aprendizagens.

A quinta seção - *Considerações Finais* – sistematiza as principais contribuições deste material, enquanto produto formativo resultante da pesquisa.

2

Narrativas autobiográficas: tessituras de si mesmo

Contextualizando o campo da formação

As narrativas deste caderno são de professoras de uma creche conveniada com a prefeitura de Santo André, que atende bebês e crianças bem pequenas, na faixa etária de 0 a 3 anos. As creches conveniadas são uma extensão do atendimento do município ao(à) munícipe, visto que somente com as creches municipais a prefeitura não tem conseguido atender toda a demanda por vagas.

Esta creche está localizada em um bairro periférico. A região possui boa infraestrutura e conta com água encanada, rede de esgoto, vias asfaltadas, posto de saúde e comércio local. Com relação aos espaços é composta por parque com piso cimentado, tanque de areia, horta, parque interno, ateliê, brinquedoteca, teatro, sala de leitura e descanso para os(as) educadores(as).

A creche apresenta uma concepção que demostra importar-se com a proximidade da criança com a natureza. Em sua rotina, por exemplo, é possível observar que as turmas vão à horta para realizar plantio de alimentos que as próprias crianças regam, colhem e depois consomem nas refeições. No entanto, o parque é cimentado, se não o fosse, as crianças teriam um contato ainda maior com a terra, grama e outros elementos.

Método autobiográfico e formação docente

> *Se aceitarmos, ainda por convenção, que os nossos conhecimentos são fruto das nossas próprias experiências, então, a dialética entre saber e conhecimento, entre interioridade e exterioridade, entre individual e coletivo estão sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora, porque esta última implica a mediação de uma linguagem e o envolvimento de competências culturalmente herdadas. (Josso, 2004, p. 49).*

.

De acordo com Tiriba (2005), só é possível amar aquilo que de fato eu conheço, tornando emergente a necessidade das crianças estarem em proximidade com a natureza desde pequenas, mas isso só será possível se a proposta pedagógica da creche também valorizar essa necessidade.

Nesta perspectiva, este produto objetiva uma formação, cuja proposta é a reflexão sobre a importância do quintal brincante na creche. Para isso recorre-se ao método autobiográfico e as histórias de vida, que colaboram com a problematização e ressignificação da realidade vivenciada, buscando planejar uma prática pedagógica mais comprometida com uma formação integral tanto para as crianças quanto para o(a) professor(a), que vai formando-se no decorrer de sua trajetória profissional.

Para isso, recorre-se aos estudos de Josso (2014), que questiona “O que é a formação do ponto de vista do sujeito? Como se forma o sujeito? Como aprende o sujeito?” (Josso, 2014, p. 57), considerando a importância de uma formação que parta das complexidades existenciais dos(as) participantes, levando-os(as) a aprender a aprender.

De acordo com Josso (2004), quando falamos em uma aprendizagem que parte do sujeito, devemos considerar as suas experiências. A autora conceitua experiência como vivências particulares, esclarecendo que “Estas vivências só atingem status de experiência a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo”. (Josso, 2004, p. 48).

Josso (2014) nomeia de recordações-referência acontecimentos vivenciados e que os indivíduos consideram constitutivos de sua formação, ou seja, as percepções, sentimentos, sentidos ou valores das experiências sociais. As recordações-referência podem ser caracterizadas como experiências formadoras porque influenciam e orientam a vida do sujeito.

Para Finger (2014), cuja base de estudos é a hermenêutica, a pedagogia deveria ter como principal objetivo um saber reflexivo e crítico, ou seja, um conhecimento que valorize o que se passa no interior da pessoa, contribuindo para a construção da identidade e para a formação de sujeitos mais atuantes em seu contexto social. Para o autor, o método autobiográfico viabiliza essa formação.

> Esse saber apresenta-se assim não só como crítico, reflexivo e histórico, mas também implica uma investigação da parte da pessoa, uma pesquisa fundamentalmente formadora. Com efeito, esse saber reflexivo e crítico, insere-se num processo, e mais precisamente em processos de tomada de consciência. Este último tem um processo emancipador para a pessoa e para a sociedade, pois é por intermédio deles que a pessoa atribui um sentido às suas próprias vivências e experiências, assim como às informações que lhe vêm do exterior. (Finger, 2014, p. 117).

Precisamos de uma formação que comprometida com um processo de emancipação, que forme o(a) professor(a) para resgatar sua voz e identidade na sociedade. Uma pedagogia produtora de saberes que, de fato, discuta o contexto social que o sujeito está inserido.

Josso (2004) organiza a formação com o método autobiográfico em etapas, nas quais, gradativamente, os(as) participantes compreendam o que foi formador em sua história e as transformações que ocorreram “[...] por meio das aprendizagens e conhecimentos específicos dos contextos (situações, acontecimentos, interações e atividades) de cada período” (Josso, 2014, p. 69).

Na sequência, apresentamos as etapas realizadas no processo da pesquisa-formação que este e-book relata.

Na **primeira etapa** ocorreu o primeiro encontro, com um momento de diálogo sobre o método autobiográfico, em que cada participante pode tirar dúvidas sobre a metodologia, bem como o que aconteceria nos encontros. Em

seguida foi realizada a apresentação da trajetória formativa da pesquisadora, destacando o que a levou a trabalhar com esse processo de formação e de conhecimento.

Para realizar o acolhimento do grupo e auxiliar no processo de rememoração, foram utilizadas fotos e realizadas dinâmicas e oficinas práticas. Todos os encontros foram pautados em duas etapas, uma reflexão dialógica e em grupo na qual cada participante escutou a narrativa da outra, sendo que este processo buscou favorecer ressignificações sobre as suas próprias experiências e enriquecer os demais relatos ou narrativas.

> Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe a nossa consciência e delas extraímos as informações úteis as transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano. (Josso, 2004, p. 48).

Em um segundo momento, as participantes foram convidadas a escrever sua própria narrativa, na qual cada uma traduziu, de modo singular, a problemática apresentada, aspecto que pode cooperar para ressignificação das vivências. Assim, tendo em vista que a primeira etapa da investigação-formação tinha como objetivo a tomada de consciência por parte do sujeito das suas aprendizagens, foi proposto às participantes que após escutarem o relato sobre a trajetória de vida da pesquisadora, questionassem sua própria formação, respondendo às seguintes questões: como me tornei a profissional que sou hoje? Como adquiri as ideias que tenho?

De acordo com Josso (2014), no decorrer do processo, em que cada participante conta sua narrativa oralmente, os(as) docentes tomam consciência de que a rememoração é um processo associativo que se refina e se enriquece com as outras narrativas e com as questões suscitadas em cada narrativa, tanto da parte da pesquisadora como dos(as) participantes.

A **segunda etapa** teve como objetivo identificar os momentos charneiras (momentos de conflito que geraram mudanças de comportamento). Josso (2014) destaca que cada integrante tem a oportunidade de relatar momentos charneiras, nos quais o sujeito sente-se obrigado a uma reorientação na sua maneira de se comportar e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Esse momento de reorientação articula-se com situações de conflito, e/ou mudanças em seu meio de convivência, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos, econômicos).

Nesta etapa as participantes contaram vivências em que optaram pela escolha da profissão. Durante a construção das narrativas, de acordo com Josso (2004), ocorre um processo de evolução de diálogo interior sobre o conhecimento, que se foi adquirindo durante sua trajetória, as recordações-referências. Este momento pode enriquecer a bagagem experiencial de cada um(a).

Segundo Josso (2014) nesta etapa a narrativa é trabalhada com a preocupação de explicitar os fios condutores a fim de que:

> Por um lado, se compreende a dinâmica do sujeito na sua maneira de fazer escolhas ou de se deixar ir, de reagir aos acontecimentos e de orientar sua existência em cada período. Nesse aspecto do processo de formação, tenta-se igualmente que o sujeito explicite as transformações que operou por meio das aprendizagens e conhecimentos específicos dos contextos (situações, acontecimentos, interações e atividades) de cada período. (Josso, 2014, p. 69).

Neste momento, as participantes fizeram o resgate das experiências levando em consideração a reflexão sobre o quanto estas foram formadoras, realizando a rememoração em que ocorre aprendizagem, articulando o saber-fazer e o conhecimento. “Para perceber como estas formações se processam, é necessário aprender, pela experiência direta, a observar essas experiências das quais podemos dizer, com mais ou menos rigor, em que elas foram formadoras”. (Josso, 2004, p. 39).

Conforme sugere Josso (2014, p. 63), “Essa etapa termina com a produção individual de um texto, em que cada um traduz, na linguagem que lhe é própria, a problemática que lhe foi apresentada e discutida”.

A escrita da narrativa foi uma maneira de as participantes realizarem uma reorganização interna após terem construído sua narrativa oral e escutarem as demais. Trata-se de um importante processo de reflexão sobre o que foi rememorado e que, ao mesmo tempo, pode ajudar a reinterpretar o presente e projetar o futuro.

A **terceira etapa** teve como objetivo fazer com que as participantes realizassem reflexões que lhes possibilitassem a tomada de consciência dos percursos de formação, levando-as aos processos que as constituíram. Para tal reflexão responderam à seguinte pergunta: como é que os(as) adultos(as) se formam?

De acordo com Nóvoa (2014), para a realização das biografias educativas são necessários os seguintes eixos:

Mapas das relações – O autor discorre sobre a retomada de pessoas que tiveram um papel fundamental na história dos(as) participantes e que, de alguma forma, contribuíram com o percurso formativo.

Espaços e meios sociais – Nóvoa (2014) propõe como eixo de investigação, uma vez que está relacionado ao contexto social que desempenha um papel formador. Neste momento as participantes retomaram vivências dos lugares que frequentaram na infância, as dificuldades enfrentadas pela família na educação dos filhos e filhas, bem como a superação da maioria para conseguir terminar a faculdade e ingressar na docência.

Ao final ocorreu a teorização na forma de narrativa, na qual cada uma ressignificou tudo que já havia partilhado com o grupo. Foi possível observar que, à medida que as participantes iam escutando as narrativas das demais, as suas narrativas iam se tornando mais potentes e mais estruturadas, uma vez que escutar a narrativa da outro foi trazendo-lhes rememorações.

Após a etapa de reflexão sobre o processo formativo, iniciou-se outra na qual abarcaram a rememoração das histórias de vida no que tange às

vivências em meio à natureza. Nesta etapa pretendeu-se que, ao rememorar suas histórias, as participantes refletissem sobre o quanto valorizam essas questões em sua prática pedagógica.

A **quarta etapa** teve como objetivo os relatos da história de vida, rememorando vivências com a natureza, com produção de narrativas dos relatos, em que ocorreram os questionamentos: onde você brincava na sua infância? Quais contatos você teve com a natureza durante a sua infância?

As participantes, ao rememorarem vivências na natureza, fizeram relações sobre os espaços de brincadeiras em sua infância e os espaços disponíveis para as crianças que frequentam a creche hoje.

Após esse encontro, em consonância com as discussões realizadas sobre os quintais da infância e o quintal da creche, foi disponibilizada e sugerida a leitura do material “Quintais Brincantes: Sobrevoos por vivências educativas brasileiras”, de Barros (2022).

A **quinta etapa** objetivou identificar quais experiências formativas contribuíram para a participante se constituir uma educadora da Educação Infantil que considere as questões ambientais.

Nessa etapa, a pesquisadora rememorou as principais experiências formativas relacionadas à temática ambiental. Em seguida, solicitou-se às participantes que compartilhassem com o grupo as experiências formativas mais significativas de suas trajetórias.

Por fim, realizou-se a escrita da narrativa à luz da questão orientadora: Quais experiências formativas contribuíram para você se constituir uma educadora da Educação Infantil que considere as questões ambientais?

O Quadro 1 apresenta o cronograma da formação para uma melhor visualização.

Quadro 1 – Cronograma da formação

Encontros	Etapas	Perguntas norteadoras para a construção das narrativas
1º Encontro	**1ª etapa**	Como me tornei a profissional que sou hoje?
	2ª etapa	Identificação de momentos charneiras
	3ª etapa	Como é que os(as) adultos(as) se formam?
2º Encontro	**4ª etapa**	**1ª pergunta:** Onde você brincava na sua infância? **2ª pergunta:** Quais contatos você teve com a natureza durante a sua infância?
3º Encontro	**5ª etapa**	Quais experiências formativas contribuíram para você se constituir uma educadora da Educação Infantil que considere as questões ambientais?

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Nóvoa (2014) orienta que nas reflexões sobre a utilização das histórias de vida é importante destacar três ideias, para que não ocorram equívocos sobre essa abordagem:

> **Primeira ideia –** A narrativa biográfica não se escreve em uma perspectiva cronológica-vivencial, mas por meio da reconstrução retrospectiva de um dado percurso de vida, com base na articulação entre diversos momentos-rupturas.
>
> **Segunda ideia –** A narrativa biográfica organiza-se a partir de um determinado eixo de investigação [...] assegura um desenvolvimento de uma reflexão teórica e epistemológica sobre a formação.
>
> **Terceira ideia –** O objetivo final da abordagem biográfica é a construção de uma teoria da formação dos(as) adultos(as), ainda que para lá chegar seja necessário pela narrativa de vida. (Nóvoa, 2014, p. 168)

Esses pontos centrais apontados por Nóvoa (2014) definem o trabalho com as histórias de vida como a retomada de vivências, considerando o eixo formativo e organizando-as em uma perspectiva cronológica, fazendo surgir, aos poucos, uma teoria da formação que incide em um sujeito que teve a oportunidade de refletir suas vivências e transformá-las em conhecimentos, tornando-se capaz de transformações em si mesmo e em seu meio social.

3

Narrativas autobiográficas: como me tornei a profissional que sou hoje?

A narrativa como forma da ação humana no tempo e no espaço

> *O presente problematiza o passado, projetando o futuro. Assim, falar de histórias de vida, tanto na História como na Sociologia, é falar do movimento ontológico de conhecer, de dar sentido às trajetórias vividas, desejando sempre a construção do futuro. (Bragança, 2012, p. 49).*

De acordo Chené (2014) ao descrever sua experiência de formação o(a) participante envolve-se em um processo de construção onde molda tempo e espaço e sua relação com as vivências de formação, permitindo ao sujeito refletir sua experiência, relacionando-a com o saber adquirido, e compreender as construções e transformações que decorreram, assim como a evolução dos pontos de vista durante as rememorações.

A dimensão cronológica é possível na narrativa quando se recorre ao tempo da infância, juventude e vida adulta. Nas narrativas apresentadas a seguir verificamos certo esforço para ordenar os fatos e estabelecer relações, com o propósito de contar a história de sua formação até a atualidade.

Nessas narrativas, as participantes respondem à pergunta: “Como me tornei a profissional que sou hoje?” Nas trajetórias de seus familiares, evidenciou-se que os contextos históricos em que estes estavam inseridos foram determinantes para a tomada de decisões que interferiram na vida dos filhos e filhas.

> *Venho de uma família que estudou muito pouco e, por isso, teve poucas oportunidades. Meu pai encerrou o ensino médio através da EJA, quando eu já era adulta. Minha mãe fez apenas o ensino fundamental porque precisava trabalhar para ajudar minha avó e não poderia estudar à noite. Mesmo assim, eles sempre incentivaram os filhos a estudar.* (Peônia, 2024).

Nessa narrativa a professora menciona contextos sociais que marcaram sua família, quando afirma "*Venho de uma família que estudou muito pouco*". Os integrantes de sua família tentam, entre situações ora favoráveis ora desfavoráveis, concluírem os estudos. Lutando contra contextos históricos nos quais as classes populares não têm acesso à escolarização, Peônia conseguiu vencer os obstáculos e terminar seus estudos e, logo após, fazer o curso de Pedagogia.

A citação do pai que conclui o ensino médio por meio da EJA é uma marcação de tempo em um contexto histórico, em um país composto por grandes índices de pessoas com baixa escolarização, o que fez com que governantes pensassem em diferentes estratégias para que a população tivesse acesso à escolarização.

> *Venho de uma família muito humilde e analfabeta, não tive incentivo dos meus pais para os estudos. Eu achava que faculdade era só para quem era rico na época. Sou a mais velha de quatro irmãos e tive que cuidar deles para minha mãe poder trabalhar fora, pois meus pais eram separados.*
> *Fui trabalhar num lugar de limpeza e lá um professor de tênis, que na época fazia educação física, me disse que eu tinha perfil para trabalhar em escola, pois eu era bem comunicativa. Eu disse que não, mas ele insistiu e pagou o vestibular na época para mim. Fiz e de lá para cá enfrentei muitos desafios. Tive que trancar uma vez, depois retornei na modalidade EAD e consegui concluir. Sou apaixonada pela minha profissão e sinto muito orgulho da minha história até aqui.* (Rosa de Saron, 2024).

A narrativa de Rosa de Saron evidencia os contextos complexos vivenciados, os quais a protagonista não tinha como controlá-los: *"sou a mais velha de quatro irmãos e tive que cuidar deles para minha mãe poder*

trabalhar". O desfecho que se segue é de um sujeito que consegue superar de alguma forma as dificuldades, transmitindo satisfação com a escolha da profissão e a atuação profissional. Mesmo com as dificuldades, a narrativa é de superação e conquistas.

As relações de aprendizagem/formação são complexas e incorporam ao cenário da infância, pessoas, lugares e acontecimentos históricos. Para algumas professoras a mudança da área rural para urbana foi marcada por sofrimento e rupturas, como contou Girassol, que se mudou para Santo André após a separação dos pais. Jasmim narra que a família veio para São Paulo em busca de oportunidades. Mencionou que cresceu na roça com a família, mas o pai recebeu a oportunidade de trabalhar em São Paulo.

Podemos ver a força de acontecimentos históricos quando Rosa de Saron relatou que terminou o curso de Pedagogia EAD, quando Peônia informou que o pai terminou o ensino médio por meio da EJA, ou também quando Yasmin mencionou que enquanto moravam na Bahia a mãe terminou o magistério e dava aula e o pai ficava indo e voltando do trabalho em São Paulo.

De acordo com Chené, (2014, p. 121) na formação por meio do método autobiográfico, "A educação tem uma relação com o saber que permite à pessoa recriar o seu saber e ultrapassá-lo". Desta forma, tomar consciência dos saberes adquiridos é um percurso traçado para que se adquira poder sobre este, ou seja, ao elaborar um discurso sobre sua formação, o(a) participante terá acesso não somente à sua formação, mas à relação com o saber, com o(a) outro(a) e principalmente consigo próprio. A esse respeito Chené (2014, p. 122) descreve:

> Portanto, a formação enraíza-se na articulação do espaço pessoal com o espaço socializado, progride no sentido que a pessoa lhe dá, tanto no campo da sua experiência de aprendizagem com o formador, como no quadro da totalidade da sua experiência pessoal.

Nesta perspectiva, a relação que construímos com o saber torna-se mais importante que o próprio saber. Sendo assim, no método autobiográfico o(a) formador(a) tem o papel de auxiliar o sujeito participante a tornar-se autor(a) de

sua própria formação, trabalhando em um processo de compreensão, significação, renovação e, por vezes, de criação. A narrativa elaborada na formação auxilia o sujeito na compreensão da experiência, envolvendo-se em um processo de reflexão sobre o saber e até mesmo ultrapassando-o.

A construção da história de formação como um percurso de autoconhecimento

Reinvenção

A vida só é possível
reinventada.
Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.
Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.
Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.
Não te encontro, não te alcanço...
Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só – na treva,
fico: recebida e dada.
Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.
(Cecília Meireles, 1997, p. 315)

Cecília Meireles é uma das vozes femininas de grande expressão da literatura brasileira, é um exemplo de ruptura de silêncios, de quebra de

paradigmas e de padrões sociais que vão atravessando gerações. É a esta quebra de padrões que o método autobiográfico se propõe, dando visibilidade ao lugar de fala e a constituição identitária dos(as) professores(as).

De acordo com Pacheco (2021), Cecília Meireles foi professora da Rede Municipal de Ensino do Distrito Federal. Também foi tradutora, jornalista e escritora. Em suas inúmeras viagens descreve não só de forma visível, mas também de forma simbólica e enigmática, descrições, paisagens e tudo que contemplava. Com ela é possível entender o poder que temos de transformar a realidade pelo conhecimento e pela palavra.

Entretanto, conforme Pacheco (2021), apesar da fama e das inúmeras viagens, Cecília Meireles teve uma vida difícil, marcada por perdas e tragédias. Mesmo com as dificuldades, cresceu apreciando a arte de ouvir e narrar, iniciando sua vida de escritora ainda criança. Com a autora podemos aprender a narrar, a contemplar o simples e o belo, a descrever as belezas de nossas experiências e poder aprender com este processo.

Na reflexão sobre o processo de formação, reconhecemos que o ser humano se desenvolve por meio das relações que estabelece consigo mesmo, com o ambiente e com os(as) outros(as). Segundo o filósofo grego Sócrates, “Conhece-te a ti mesmo e tu conhecerás o universo e os deuses”[1]. Assim, o conhecimento, como manifestação da experiência humana, requer reflexão pessoal, possibilitando o retorno a si mesmo(a) e fortalecendo os laços que, a cada fase da vida, conferem significado à nossa existência.

De acordo com Josso (2014) ao realizar as rememorações consideradas formadoras e organizá-las em uma sequência cronológica, a articulação dos períodos coopera para que sejam realizados os momentos charneiras. “Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais, familiares, profissionais, políticos, econômicos”. (Josso, 2014, p. 67)

Para essa autora, nesses momentos o sujeito se confronta consigo mesmo. O contexto exige mudanças, surgem perdas e ganhos, o que implica

[1] Fonte: https://leonardodavinci.cc/corporalita-integre-corpo-mente-e-espirito/.

em uma abertura na vida profissional, para a profissionalização e estudo, ou na vida particular, para negociações com os demais.

As participantes fazem uma reflexão de “Como é que os(as) adultos(as) se formam?” É possível analisar o processo de tomada de decisão, a valorização dos estudos como meio para alcançar os objetivos e a realização pessoal após conseguir atingir sua meta.

> *Iniciei minha experiência profissional em Salvador. Comecei como babá de uma família, logo após comecei a estudar Pedagogia e fazer estágio. Encontrei a escola Perilim, que era particular, onde me deram a oportunidade que precisava para iniciar minha formação. Vim para São Paulo em 2014, onde fiquei noiva e casei em 2015. Tranquei a faculdade durante dois anos e retornei em 2017, formando-me em 2019. Fiquei dois anos trabalhando como auxiliar e logo depois consegui trabalho como professora.* (Espada de São Jorge, 2024).

Observa-se que a protagonista da narrativa, que era babá, decidiu cursar Pedagogia para se tornar professora. Mesmo passando por contextos em que precisou deixar os estudos, conseguiu retomá-lo e terminar a faculdade. No enredo fica evidente a ação da participante de se colocar como protagonista de sua história, quando conseguiu tomar decisões que lhe favoreceram a alcançar seu objetivo, o de terminar a faculdade.

Destarte, a narrativa é a retomada de um percurso formativo que proporciona reflexões de uma trajetória marcada por momentos de complexidade e de grande atuação. Nessa retomada é possível perceber-se enquanto protagonista de ações e realizações.

As pessoas também tiveram grande influência na formação pessoal das professoras, foram momentos de decisão. De acordo com Josso (2014, p. 69), “A dinâmica do sujeito em sua maneira de fazer escolhas ou se deixar ir, de reagir aos acontecimentos e de orientar sua existência em cada momento” caracteriza as orientações, reações e a dinâmica do sujeito frente a uma escolha, compreendendo o que foi mobilizador.

> *Aos 19 anos fui convidada por um amigo a fazer um teste em uma escola conveniada. Mesmo resistente e convicta de que não mudaria de área e que estava na faculdade dos sonhos, aceitei o convite. Após uma semana de teste me vi totalmente envolvida na área da educação. Meu amigo e a coordenadora pedagógica da instituição acreditaram e investiram em mim, fazendo-me acreditar cada dia mais no quanto eu era capaz.* (Girassol, 2024).

São pessoas que em diferentes lugares e contextos foram fundamentais para uma ruptura ou mudança de caminho. Quando olhamos os contextos cronológicos referentes a “pessoas-chave”, encontramos aquelas que promoveram aprendizados, tiveram papéis preponderantes, foram agentes de transformação como pais, mães, avós, irmãos, irmãs, vizinhos(as), amigos(as), colegas de trabalho e educadores(as).

Essas pessoas mostraram diferentes caminhos para a vida das professoras e, muitas vezes, foram responsáveis pelo desejo do novo. A formação das professoras traz, assim, experiências vividas e compartilhadas com pessoas, em diferentes lugares e contextos.

Quando criança, os traços da personalidade aparecem nas diferentes relações em meio à família e na escola; a adolescência é período em que ocorre um jogo social para se alcançarem os objetivos; na fase adulta é quando tem início uma atividade profissional, caracterizada como incompleta ou insatisfatória e o sujeito inicia um projeto de vida orientado por suas aspirações.

> *Após poucos meses de estudo, conversei com a gestão da creche e quando surgiu uma oportunidade, fui promovida a auxiliar, função que exerci por dois anos. Em mais um processo seletivo, fui promovida a educadora. Hoje estudo as especializações Educação Inclusiva e Especial e Neuroeducação. Meu sonho de infância se tornou realidade e sou muito realizada com o que eu faço.* (Peônia, 2024).

Josso (2004) discorre que a cada momento de nossa existência temos que escolher agarrar ou não uma oportunidade para exercermos uma ação, um comportamento, uma atitude interior, articulando uma atenção consciente de si, com os(as) outros(as) e com o meio natural.

A maioria das professoras relatou contextos familiares de dificuldades financeiras, migração de áreas rurais para urbana em busca de oportunidades. Contaram ainda sobre a dificuldade para continuidade dos estudos, principalmente em função do trabalho. No entanto, de acordo com as narrativas, esses pais que tiveram tantas dificuldades para concluir seus estudos sempre incentivaram a escolarização das filhas.

Na maior parte das narrativas encontramos a centralidade da aprendizagem com o meio familiar, o valor do trabalho e a importância dos estudos. Jasmim falou da mãe formada no Magistério, que incentivava os(as) filhos(as) com muita criatividade e mais tarde também acabou decidindo fazer o curso de Pedagogia. Girassol relatou a insistência da mãe para iniciar um curso de inglês e que, no decorrer da sua vida profissional, foi encontrando pessoas que acreditaram nela, e hoje se sente realizada como pedagoga. Peônia afirmou que o pai não conseguiu estudar e por isto teve poucas oportunidades na vida; em contrapartida, ela é uma estudante dedicada, que preza os estudos, sendo uma professora que valoriza a formação continuada. Espada de São Jorge lembrou com afetividade da professora Magali, que tratava a todos(as) com carinho e atenção e afirma que sempre gostou da educação, tornando-se professora. Rosa de Saron afirmou que a família não estudou e por isso não teve muito incentivo, mas depois de muitos desafios, conseguiu se formar e concluir o curso de Pedagogia.

De acordo com Josso (2004), o que está em jogo no conhecimento de si não é apenas compreender como nos formamos, rememorando um conjunto de experiências, mas conscientizar-se de um sujeito que deve encarar o seu itinerário de vida articulando suas experiências formadoras, seus grupos de convívio, suas valorizações, seus desejos e imaginários, para que surja um ser que saiba “Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. (Josso, 2004, p. 58).

Na elaboração de suas representações evidenciam-se as suas posições existenciais, adotadas ao longo da vida, permitindo ao sujeito entender os posicionamentos que consciente ou inconscientemente possui. Nesse processo ocorre a percepção de seu papel atuante em seu contexto.

> *Meu pai não tem estudo, trabalhou na Bahia na roça desde criança, teve uma oportunidade de trabalhar em São Paulo e foi com o irmão. [...] Meu pai ficava indo e vindo entre a Bahia e São Paulo para ver a família. No tempo em que morávamos na Bahia era tranquilo, minha mãe voltou a estudar, se formou, deu aula depois do magistério, e ensinava os filhos com muita criatividade.* (Jamim, 2024).

Nesta narrativa a docente relata as dificuldades do pai que não teve oportunidade de estudar, e enfatiza que a mãe foi uma grande referência. Na descrição desse contexto familiar fica evidente o estudo como um valor para a família. Dessa forma, por meio da narrativa é possível pensar o que somos, pensamos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os(as) outros(as) e com o ambiente humano e natural, a fim de efetuar transformações e ter liberdade de escolha, que é o principal objetivo das rememorações das experiências formativas.

De acordo com Josso (2004) o conhecimento de si acontece no aprendizado das complexidades de nossa existencialidade. Procura, pois, envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele e nos questionarmos na medida em que nos aprofundamos em nossa historicidade e nossa cultura.

4

Desemparedamento da Infância: onde você brincava em sua infância?

Achadouros dos quintais da infância

> *Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. [...] Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. (Barros, 2015, p. 124)*

A simplicidade das palavras do poema de Barros (2015) nos remete à rememoração do quintal da nossa infância, aquele terreno ao ar livre, composto por terra, areia, plantas, tão comum antigamente, onde as crianças brincavam com os irmãos, irmãs ou vizinhos(as).

Na perspectiva de Barros (2015, p. 124) “A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medida pela intimidade que temos com as coisas”. Sendo assim, o quintal que se brincou na infância com lama, folhas e demais elementos naturais, por trazer memórias afetivas, torna-se algo de valor inestimável. Quando se rememora o quintal da infância é possível perceber que as grandes coisas da vida são aprendidas a partir das coisas pequenas, das insignificâncias e no quanto elas se tornam grandes ao olhar da criança.

O espaço por onde caminhamos, o lugar que pisamos, é importante na poesia de Manoel de Barros, pois, para o poeta, é tão forte essa ligação entre chão e ser, que pensar em outro chão a não ser o da Terra é impossível.

Foi solicitado às participantes rememorarem o quintal da sua infância. Para isso, elas trouxeram fotos da infância, a fim de compartilharem com o grupo um pouco desse período com tantas nuances.

Figura 1– Proposta com foto

Fonte: arquivo pessoal

As narrativas demostram o resgate de um tempo cheio de elementos que cooperaram para construção do(a) adulto(a) e profissional que somos, o que gostamos e valorizamos.

> *Minha foto de infância me remete a um período de muita dificuldade, pois os meus pais me falaram que quando a nossa família saiu do Nordeste e chegamos em São Paulo, foi um período bem difícil e de muita dificuldade. Quando eu olho essa foto vejo uma criança em pleno desenvolvimento, bem curiosa, esperta e cheia de vida.*
> *Agradeço a Deus pela minha infância, que mesmo com todas as dificuldades vividas, formou a pessoa que sou hoje.* (Rosa de Saron, 2024).

> *A minha foto representa um momento especial, a minha primeira comunhão, foi um momento com meu pai e minha mãe. Fomos uma família grande, com seis filhos e raramente tínhamos atenção dos pais. Esse momento foi só meu, marcou-me bastante ter uma celebração só minha.*
> *Essa foto lembra-me a capela que ainda existe e realiza missas para a comunidade. A catequista e o padre eram bravos, mas ensinavam a palavra de Deus e que até hoje eu sigo e respeito, brincavámos no pátio da capela de amarelinha e pega-pega. (Lírio, 2024)*

> *Eu, Girassol, escolhi duas fotos da minha infância, as quais, para mim, remetem a momentos muito significativos, sendo elas*

brincadeiras livres em família, no parque e poses para fotos a todo momento, pois o meu pai era fotógrafo e todos os meus momentos eram registrados.
Recordo-me de ter tido uma infância muito leve, divertida e harmoniosa em família e até hoje, com 29 anos, tento vivenciar e respeitar estes momentos com muita alegria.
Para mim, todo e qualquer ambiente em que eu esteja com as pessoas que eu amo, família, é como se toda minha energia recarregasse. (Girassol, 2024).

A minha infância foi maravilhosa, apesar de ser difícil devido à situação financeira, mas o mais importante eu tinha, que era união e amor.
Hoje eu valorizo a educação porque os meus pais não tiveram a oportunidade de estudar, mas sempre fizeram de tudo para os filhos frequentarem uma escola e nos ensinaram a conviver com o outro e respeitar e valorizar. A escola para mim tem cheiro de afeto, alegria e conquista. Eu tenho uma lembrança maravilhosa do pai que ele foi para mim. (Hibisco, 2024).

Eu, Espada de São Jorge, tive muitos desafios, mas também muitas lembranças, e uma delas é que eu sempre estava na igreja juntamente com minha mãe e avó.
A foto que trouxe recorda exatamente a apresentação do dia das mães. Um grupo de crianças, inclusive eu, havíamos ensaiado muitos dias para essa apresentação, que foi muito emocionante.
Minha avó foi muito dedicada na igreja e lá ela sempre me acompanhava para as atividades, cultos e apresentações. A minha mãe também me levava para a igreja, mas a minha avó está nas minhas lembranças de infância indo para igreja. (Espada de São Jorge, 2024).

Nesta vivência eu falei da foto que tenho com meu pai, minha mãe e minha irmã. Não sei ao certo o momento, mas minha mãe relatou que é o batizado de um parente. Neste momento, olhando a foto, eu sinto muita alegria, pois meu pai já é falecido e a foto remete a todo o cuidado e amor que ele teve por mim.
Na segunda foto estou com minha irmã na festa da escola. Foi um momento divertido, só lembro que não queria os cachinhos no cabelo que minha mãe fazia em toda festa. (Yasmin, 2024).

Nem sempre penso na minha infância. Olhando as fotos que escolhi, me recordei que, quando criança, sempre me arrumava para ir à igreja com minha mãe e meus irmãos. Era feliz, mesmo na simplicidade de poucos recursos que meus pais dispunham.
Lembro-me que brincava bastante na rua estreita onde moro até hoje com as vizinhas da mesma idade que eu. Éramos cinco amigas,

> *somos ainda cinco, mas cada uma foi para o seu caminho e nos distanciamos. Quando nos encontramos só nos cumprimentamos cordialmente.*
> *Na escola minhas recordações são de que eu gostava muito de estudar, amava as aulas de Língua Portuguesa e Matemática e suas respectivas professoras, Florinda e Rosana, que me deram aula por muitos anos, sempre na mesma escola. Aliás, fiz o Ensino Fundamental e Médio na mesma escola. Dos amigos que fiz lá não tenho contato com nenhum hoje em dia.*
> *Na escola também gostava das aulas de Arte, principalmente quando tinha que copiar desenhos prontos. Isso permanece até hoje e vejo também esse talento no meu filho, que ama desenhar mais do que brincar. Quando criança eu ia pouco ao parque, mas me recordo de uma vez que minha mãe me levou ao Parque da Luz, em São Paulo. Ela, meus irmãos e eu. Meu pai não quis ir. Lembro-me também de ir algumas vezes à Cidade das Crianças, um parque em São Caetano, que era chamado assim, e onde levo meu filho às vezes.* (Peônia, 2024).

Durante o encontro também foi proposto uma vivência com argila, a fim de resgatar as brincadeiras com terra, areia e lama e diversos materiais não estruturados que muitos(as) viveram na sua infância.

A terra é o elemento que mais atrai as crianças e fez parte da infância da maioria das pessoas, seja caminhando, correndo, deslizando em terrenos ou com brincadeiras lúdicas com bolinhos de barro e brincadeiras de casinha.

De acordo com Pereira (2019), em quase todas as culturas a terra foi identificada pelos seres humanos como a matéria-prima da criação, composta por minerais, metais e formadora de curso de rios, sendo enriquecida com a água da chuva, tendo um papel nutridor de toda a sociedade. Dessa forma, a argila e as fotos da infância foram escolhidas como disparadoras para o processo de rememoração da infância.

A argila, como substância gelatinosa, em princípio, pode causar estranheza e rejeição por ser identificada como algo sujo, no entanto é capaz de provocar uma experiência corporal que envolve uma diversidade de sensações. Também permite construções tridimensionais, possibilitando novas formas de representação, conforme pode ser observado nas figuras a seguir.

Figura 2 – Manuseio de argila

Fonte: arquivo pessoal.

Ao rememorar as vivências na natureza na infância, no geral as narrativas descreveram momentos de brincadeiras com terra, areia, plantas, pedras, galhos. As palavras demostram características de afeto, apego, saudosismo e contemplação. A formação ficou com um clima alegre e afetivo.

Ao analisar as narrativas das professoras, podemos evidenciar a relação afetiva com o quintal de suas infâncias:

> *Na minha infância brincava muito com barro no quintal de casa. Eu e minha irmã fazíamos bolinhos de barro, ficávamos horas e horas fazendo e enfeitávamos com flores, pedras e galhos e, algumas vezes, meu irmão passava correndo e jogava tudo fora. Hoje vejo o quanto minha infância foi legal.* (Lírio, 2024).

Fonte: arquivo pessoal

Moldar na argila todo meu sentimento da infância foi como se eu tivesse vivendo todo aquele momento novamente. Tentei reproduzir na argila a foto que eu trouxe, onde estou no parque brincando no balanço. (Girassol, 2024)

Fonte: arquivo pessoal

Quando eu estava modelando com a argila eu lembrei muito que eu brincava com potes de margarina, tampas de barro, fazendo comidinha e também utilizava elementos da natureza, lembrança tal que eu quero manter viva e passar para minha filha essa memória afetiva. (Rosa de Saron, 2024).

Fonte: arquivo pessoal

Fiz uma pedra grande, depois desfiz e fiz uma pequena, coloquei pedra, flores, sementes, folhas e cascalho. Tudo isso foi parte da minha infância. A natureza em si faz parte de nós, então gratidão ao universo e sua diversidade. (Espada de São Jorge, 2024).

Fonte: arquivo pessoal

Minha obra foi sobre minha infância no sítio do meu pai, onde havia um lago de água da chuva em que eu tomava banho, embaixo de um pé de manga. Essa formação, para mim, foi de grande valia, pois viajei na minha infância, uma das vivências mais importantes da minha vida. (Flor de Hibisco, 2024).

Fonte: arquivo pessoal

Na proposta da argila, eu me remeti ao brincar na rua com os amigos, através de um caminho de argila e pedras. Também fiz um livro e um lápis, pois estudar sempre foi um gosto pessoal. Confesso que não gosto muito da textura e sensação na mão da argila, então usei só os dedos. (Peônia, 2024).

Fonte: arquivo pessoal

Nesta vivência relatei os brinquedos e brincadeiras que brincava na escola, esconde-esconde e escorrega, mas eu gostava mais de brincar na rua de bolo, esconder, fubeca, pipa etc. Meus pais nos deixava livres para isso. Tinha momentos de brincar com minha mãe, que era mais sensorial, com barro, panela e comidinha nas brincadeiras de faz-de-conta e brincava também em rios com amigos e familiares, minha infância foi muito gostosa, pois hoje em dia as crianças não sabem o que é isso. (Jasmim, 2024).

Fonte: arquivo pessoal

No momento do diálogo, no qual cada uma falou sobre como foi rememorar as vivências na infância e como isto contribui para sua prática docente, houve a seguinte fala: "*As crianças de hoje não terão o que tivemos na nossa infância brincando no quintal e na rua".* Foi perguntado então: "E a creche, onde fica nesse contexto? Já ouviram falar na creche enquanto quintal brincante?". Algumas colocações começaram a surgir: "*Sim, já ouvimos falar dessa expressão*". Uma professora completou: "*A creche tem que favorecer as experiências que tivemos em nossos quintais, esse contato com terra, grama, plantas, areia, pedras, galhos*".

As professoras relataram propostas que demostram que na instituição já ocorre uma preocupação no sentido de que as crianças tenham vivências na natureza. Contaram que as crianças acompanharam o desenvolvimento de uma lagarta, cuidando dela e alimentando-a. Depois que virou borboleta soltaram-na no parque. Disseram que em momentos de parque qualquer bichinho chama a atenção das crianças. Também gostam muito de brincar na areia. A horta já faz parte da rotina e, nestas vivências, as crianças tiram o sapato, brincam com terra, é um momento para contato com a natureza. Uma das professoras relatou que um dia na horta com as crianças, ao pensar em tirar seu sapato, hesitou, no entanto, pensou: *"Foi fazer Pedagogia, agora vai ter que tirar os sapatos e brincar na terra".*

Assim, refletimos sobre o fato de que a maioria das crianças mora em regiões urbanas, por isso o contato com a natureza às vezes é mais difícil em sua rotina. Cabe à creche, local onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, proporcionar esta proximidade com a natureza.

De acordo com Barros (2022, p. 22), "Para quintalizar escolas e outros espaços educativos, são necessárias transformações sistêmicas que, atravessam pessoas, projeto político-pedagógico, tempos e relações". Movimentos como este demandam um amadurecimento progressivo da comunidade escolar. Uma única prática de encantamento com relação aos elementos da natureza é um começo. Para incentivar ações como esta e não as deixar sucumbir é preciso apoio e diálogo.

A educação deve cooperar com a formação de cidadãos e cidadãs mais próximos(as) da natureza para que se sintam parte dela, mas isto só ocorrerá se os(as) profissionais também a valorizarem.

Ao final do segundo encontro formativo foi realizada uma avaliação da formação, com o seguinte questionamento: “Como este processo de rememoração da infância contribui para sua prática pedagógica?”. Foi possível evidenciar que rememorar vivências na natureza durante a infância levou as professoras a reflexões mais comprometidas com questões ambientais em sua prática educativa, conforme demonstram os relatos a seguir.

> *“Me fez” refletir que cada criança tem uma história, como eu posso contribuir para fazendo memórias significativas na vida das crianças que passam na minha sala.* (Hibisco, 2024).
>
> *Para mostrar as coisas simples e poder passar para nossas crianças.* (Rosa de Saron, 2024).
>
> *Permite que tenhamos outro olhar para a natureza e como as crianças podem aprender com ela. (Girassol, 2024)*
>
> *Ao relembrar as brincadeiras que vivi na infância, pude perceber que é possível adequar para meus alunos.* (Lírio, 2024).
>
> *Fazer com que as minhas crianças possam vivenciar uma experiência melhor que a minha e poder ter em suas lembranças a mesma sensação que tive.* (Espada de São Jorge, 2024).
>
> *Em minha prática pedagógica posso observar melhor a criança e incentivar o brincar heurístico, o sentir ao pegar um elemento da natureza.* (Peônea, 2024).
>
> *Contribui em todos os aspectos no processo de aprendizagem da criança, decorrente das estratégias que nós educadoras criamos para que isso ocorra de forma prazerosa e eficaz.* (Yasmim, 2024).

Sendo assim, a importância de uma proximidade com a natureza desde a creche precisa abranger uma dimensão mais reflexiva e humanizada na formação docente.

Considerando a formação de professores(as) por meio do método autobiográfico, a rememoração contribui para a construção de identidade e reflexão sobre a importância da natureza em sua história de vida. Desse modo,

espera-se que que as docentes possam ressignificar suas práticas pedagógicas, tornando-as potencializadoras de vivências *na* e *com* a natureza.

5

Formação continuada e história de vida: repensando práticas na e com a natureza

A construção do sujeito ecológico

> *Pensar nos sistemas em que vivemos, neste sentido obriga-nos a questionar aqueles espaços educativos, escolares e formativos que persistem em dividir e parcelar conhecimentos e experiências, restituindo a possibilidade de um procedimento que possa honrar a disposição do nosso pensar e do nosso sentir, pelo contrário, levados a se conectar. (Guerra, 2022, p. 186)*

Enquanto ação histórica no tempo, a narrativa que relata experiências ambientais, considera um compromisso ético com uma trajetória social, operando com a produção de sentidos no campo ambiental. Trata-se de observar nas narrativas o que configura esse campo. Carvalho (2005, p. 142) discorre que "[...] O que está sendo inventado no ato narrativo autobiográfico dos educadores ambientais é, para além da dimensão das vidas narradas, a construção de um sujeito (a) ecológico", que deixa transparecer em suas palavras, uma ética social comprometida com o campo ambiental.

Cabe destacar que, como se trata de uma pesquisa-formação com professoras de Educação Infantil, essas narrativas ambientais devem estar relacionadas ao modo como a Educação Ambiental está inserida na creche. Há profissionais que, ao refletirem sobre o meio ambiente, também realizarão uma transposição didática de como trabalhar com as crianças na creche.

Nesta perspectiva, foi proposto a rememoração de experiências formativas em Educação Ambiental, tendo a seguinte pergunta como disparadora: "Quais experiências formativas contribuíram para você se

constituir uma educadora da Educação Infantil que considere as questões ambientais?”

A dimensão ambiental vai se descortinando nas narrativas das protagonistas em defesa de uma creche que valorize vivências *na* e *com* a natureza. Estas narrativas legitimam uma ética quanto à maneira do ser humano estar e agir no meio ambiente.

> *Nas aulas de história, aprendi sobre a Amazônia, um tema que também me marcou profundamente. Entender a grandeza e a importância dessa floresta para o planeta despertou em mim uma consciência maior sobre a necessidade de protegê-la. Saber das riquezas naturais, das comunidades que vivem lá e dos desafios enfrentados pela floresta me fez perceber que a preservação ambiental é um dever de todos nós.* (Rosa de Saron, 2024).

Na construção de uma identidade, tendo em vista suas narrativas pessoais ou históricas, evidenciam-se processos que envolvem a constituição dos sujeitos e suas relações com o mundo.

As narrativas apontam que o processo formativo do(a) professor(a) é contínuo durante sua profissão. De acordo com Arruda e Andrade (2022, [5]), “A escola é um espaço de formação não só para os alunos como também para os professores sobre a questão ambiental”.

> *Foram várias vivências junto à turma que atuava, como: Atividades de conscientização sobre o uso consciente da água, através dinâmicas, vídeos, contação de histórias, plantação usando sementes ou mudas de plantas e ervas. (Girassol, 2024).*

A prática do(a) professor(a) refere-se ao ensino e à aprendizagem, por isso a importância dos(as) docentes refletirem sobre ela e problematizá-la, buscando repensar as questões ambientais não só para além da preservação dos recursos naturais, mas também sobre o papel de cada um(a) na construção de uma sociedade sustentável.

Tendo em vista as narrativas que descrevem experiências de vida, é possível observar uma argumentação sobre problemas significativos, que dialogam com outros campos e contextos sociais.

> *Esses aprendizados não ficaram restritos à minha formação acadêmica, mas foram integrados ao meu dia a dia. Por exemplo, em*

> *minha casa, as cascas de frutas são compostadas para adubar um pomar no quintal. Essa prática é um reflexo do meu compromisso com a sustentabilidade e o cuidado com o planeta.* (Hibisco, 2024).

Carvalho (2005) explicita que a narrativa, na construção de sentidos para a dimensão ambiental, abre um horizonte de possibilidades para um sujeito ecológico, comprometido com as problemáticas de seu contexto. Cabe a esse sujeito, que constrói uma narrativa atuante em seu contexto social, pensar estratégias, propor soluções para conscientização e conexão com o meio ambiente na sociedade.

Quando escutamos algumas falas das participantes relatando como era a educação ambiental nas escolas em que atualidade como professora, observamos que elas tentam fazer o melhor para as crianças com as quais trabalham, como apontou estudaram ou nas faculdades, ou ainda, na uma delas: "*Durante o ensino fundamental e médio, só tive a oportunidade de conhecer a parte teórica da Educação Ambiental, mais logo que comecei atuar na área da educação tive a oportunidade de participar de alguns projetos com horta, educação saudável, reciclar e cuidar*". (Jasmim, 2024).

É possível perceber que essas docentes já se encontram em um processo de construção de conhecimento sobre a importância da proximidade com a natureza. Ao rememorar sobre a Educação Ambiental pela qual passaram, julgam-na como boas ou falhas e o quanto em sua prática procuram fazer diferente: "*Tive uma vivência recentemente no SESC que foi muito gratificante, pois foi sobre vivências brincantes na natureza focando na cultura indígena, foi um momento de muitas descobertas e que não precisamos de muito pra ter uma brincadeira incrível*". (Lírio, 2024).

Nas narrativas também notamos a defesa da natureza como uma ética social e transformadora de realidade:

> *Essa vivência na tribo indígena me fez refletir sobre o quanto ainda precisamos aprender com os povos originários sobre o cuidado com o meio ambiente. Ela reforçou em mim a ideia de que proteger a natureza não é apenas uma responsabilidade, mas uma forma de garantir que todos possam viver em um mundo mais justo e equilibrado.* (Rosa de Saron, 2024).

Concordamos com Carvalho (2005) no sentido de que a narrativa é um instrumento importante para elaborar sentidos e ressignificações sobre os contextos sociais nos quais os sujeitos estão inseridos a fim de questioná-los e problematizá-los.

Assim, a formação docente precisa considerar contextos e realidades vivenciadas pelos(as) educadores(as) em sua trajetória de vida, bem como as relações com o meio ambiente que foram sendo construídas nesse percurso, estabelecendo uma prática docente mais sensível ou não com as questões ambientais.

Carvalho (2005) afirma que, durante a narrativa, é possível retomar o passado, ressignificar o presente e ao mesmo tempo projetar o futuro. “Na rememoração do passado, as professoras passaram imediatamente a problematizar o futuro e a sua profissão” (Arruda; Andrade, 2022, p. [3]), planejando intervenções na realidade social, como pode ser observado nesta narrativa:

> *Levo essas experiências transformadoras para a sala de aula. Meu objetivo é proporcionar às crianças oportunidades semelhantes às que tive, para que também cresçam conscientes e comprometidas com a preservação do meio ambiente, tornando-se cidadãos que valorizam e cuidam da natureza*. (Hibisco, 2024).

Só tem a capacidade de agir em meio à diversidade de ideias e posições, aquele(a) que tem compreensão de sua importância para a sociedade, da sua possibilidade de fazer história e criar novas formas de ser e conviver.

Nas narrativas foi possível identificar que as professoras, cada uma a seu modo, assumiu a defesa das vivências *na* e *com* a natureza na creche. Essa defesa do ambiental foi sendo construída e reconstruída no transpor das narrativas.

> *No meu dia a dia aqui na creche percebo o quão importante é esse contato, o brincar com os elementos da natureza para trabalhar a sensibilidade no tato, o olfato e no explorar e recriar, brincando com galhos de árvore folhas, fazendo comidinha, sentindo os diferentes aromas e como tudo isso coopera para o desenvolvimento cognitivo e social dos pequenos.* (Peônia, 2024).

De acordo com Barros (2018), o distanciamento da natureza é uma crise do nosso tempo, principalmente na área urbana. Dessa forma, para muitas crianças é na Educação Infantil que começa esta conexão com a natureza. Como apontou Lírio: “*Experiências com a natureza são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao interagirem com o ambiente natural, os ciclos da vida e a importância dos recursos naturais desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e sociais*”. (Lírio, 2024).

As participantes ressignificaram as concepções sobre as vivências na natureza na Educação Infantil, compreendendo sua importância, como na narrativa de Peônia: “*No dia a dia pude perceber o quanto as crianças pequenas se interessam por elementos naturais e o quanto elas exploram com curiosidade. Através disso, já utilizamos em atividades os elementos que o espaço da creche dispõe, como folhas e gravetos*”. (Peônia, 2024).

Nesta perspectiva, as narrativas apontaram que o processo formativo – no qual as professoras tiveram a possibilidade de refletir sobre seu percurso profissional, suas experiências e práticas da sala – contribuiu para a construção de suas identidades e empoderamento, tornando-as mais atuantes.

6

Considerações Finais

Este produto tem como objetivo disseminar os conhecimentos construídos na pesquisa-formação realizada no Mestrado Profissional da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Dessa forma, propõe uma reflexão sobre a formação continuada por meio do método autobiográfico, utilizando as histórias de vida.

O método autobiográfico, enquanto prática formativa baseada nos princípios do diálogo, do compartilhamento de experiências e do reconhecimento do(a) outro(a) como produtor(a) de conhecimento, revela-se um instrumento potente para dar visibilidade às vozes dos(as) professores(as) e estabelecer mecanismos de reflexão sobre as problemáticas enfrentadas em sua realidade.

Entre os principais resultados da pesquisa-formação que embasa este produto, destaca-se a formação como uma experiência permanente, que atravessa toda a existência e ocorre por meio de um processo contínuo de ação e reflexão. Sendo que esse movimento ressignificação promove ações críticas na sociedade.

Nessa mesma perspectiva, a identidade ecológica é compreendida como uma construção permanente, resultante de um processo de reflexão sobre si, sobre o(a) outro(a) e sobre a natureza, possibilitando a leitura de contextos sociais e um comprometimento ético com as problemáticas ambientais, produzindo sentidos a partir do horizonte histórico de cada indivíduo.

Com base nas reflexões de Carvalho (2012), a construção de uma maior conexão com a natureza, sua valorização e proteção não ocorre por meio de discursos apocalípticos sobre a crise ambiental, mas sim pela conscientização dos riscos associados. Essa conscientização está relacionada à aprendizagem

sobre a capacidade de ação dos sujeitos no mundo e aos valores éticos que orientam essas ações.

A rememoração do quintal brincante da infância como disparador de reflexões sobre o quintal brincante na creche - enquanto espaço de afeto, espontaneidade, exploração, investigação, criatividade, aprendizado e construção de identidade, constituiu-se como uma estratégia importante na formação. Nessa experiência, as docentes reafirmam a importância do quintal brincante da creche como um local onde as crianças possam criar vínculos que carregarão ao longo de toda a vida.

Nesse sentido, desde bem pequenas, as crianças precisam aprender a amar e proteger a natureza. O quintal brincante da creche, como espaço de relações, pertencimento e construção de identidade, deve contribuir para que cidadãos e cidadãs cresçam desenvolvendo um vínculo profundo com a natureza, aprendendo desde cedo a amá-la e preservá-la.

Referências

ARAÚJO, Miriane de Amorim. **História de vida e formação docente na educação infantil:** vivências na e com a natureza. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2024.

ARRUDA, Marina Patrício de; ANDRADE, Isabel Cristina Feijó. F. Educação ambiental e histórias de vida dos professores da educação infantil. **Revista Educação ambiental em ação**; v. 11, nº 81, dez./fev. 14/12/2022. Disponívem em: https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=4377 Acesso em: 23/06/2023.

BARROS, Maria Isabel Amando. **Desemparedamento da infância**. 2. ed. Rio de Janeiro. Instituto Alana. Julho 2018. E-book Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/wpcontent/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf Acesso em 04/05/2023.

BARROS, Maria Isabel Amando. Quintais Brincantes, sobrevoos por vivências educativas Brasileiras. **Instituto Alana**, 2022. *E-book.*

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Antologia. 1. ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2015. *E-book.* Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232716/mod_resource/content/1/manoel-de-barros-meu-quintal-e-maior-que-o-mundo-pdf.pdf Acesso em: 05/08/2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **História de vida e formação de professores:** diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, Isabel C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, Michèle; Carvalho, Isabel C. M. (Org.). **Educação Ambiental:** pesquisa e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.

CHENÉ, Adèle, A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

FINGER, Mathias. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

GUERRA, Monica. **As mais pequenas coisas**. A exploração como experiência educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo. Cortez, 2004.

JOSSO, Marie Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida do Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PACHECO, Suzana. **A linguagem simbólica da viagem:** O itinerário e a preservação da memória no retorno à casa em a odisseia e crônicas de Cecília Meireles. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Pará, 2021.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho, **Casa redonda**: uma experiência em educação com crianças. 2. ed. São Paulo, Editora Livre, 2019.

TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) PUC-Rio, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 2005.

Sobre as autoras

Miriane de Amorim Araújo: Mestra em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Graduada em Pedagogia e Letras. Pós-graduação em Educação Infantil e Ciências e tecnologia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Santo André (SP). Membra do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (GEPIDE-PPGE/USCS). Autora de artigos científicos em educação.

Marta Regina Paulo da Silva: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Graduada em Pedagogia e Psicologia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGE-USCS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (GEPIDE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire. Autora de livros e artigos científicos em Educação.